

# ORDEM, DESORDEM E MALANDRAGEM: ELEMENTOS ESTRUTURAIS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO URBANO EM "MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS" E EM "MADAME POMMERY"

Vera Ceccarello (IFCH/Unicamp)  
Elide Rugai Bastos (IFCH/Unicamp)

## RESUMO

O desenvolvimento e a modernização da sociedade brasileira podem ser representados por duas cidades em especial: Rio de Janeiro e São Paulo. A primeira, capital do Império, recebeu a corte portuguesa e foi berço da *belle époque* e da vida moderna no século XIX; a segunda se transformou em pouco tempo de província a centro urbano e industrial no século XX. A literatura urbana teve papel importante como forma de reconhecer esses momentos distintos e suas particularidades e, apesar das diferenças, algumas características permaneceram semelhantes. Uma delas é a dialética entre a ordem e a desordem, denominada por Antonio Candido como sendo um aspecto geral da sociedade brasileira. À luz dessa hipótese, o objetivo deste trabalho é analisar como a ordem e a desordem se articulam em dois romances representativos: em **Memórias de um sargento de milícias** (1854), de Manuel Antonio de Almeida e em **Madame Pommery** (1920) de Hilário Tácito. Apesar de estarem em contextos diferentes, ambos tem em seu bojo a crítica social, a ironia e a sátira como nortes narrativos. Apesar das diferenças entre eles, a lógica da ordem e da desordem pode ser percebida de diversas maneiras em cada um dos romances. Busca-se demonstrar ainda que a malandragem não é apenas um traço cultural e abstrato do Brasil, mas um mecanismo social importante que permite o trânsito entre a ordem e a desordem, fazendo com que os personagens marginalizados e considerados anti-heróis transitem livremente entre uma esfera outra, encontrando seu espaço de ação.

**Palavras-chave:** Malandragem. Ordem e desordem. Sociologia e literatura. Antonio Candido.

*“Mas o malandro para valer, não espalha  
Aposentou a navalha, tem mulher e filho e tralha e tal.  
Dizem as más línguas que ele até trabalha,  
Mora lá longe, chacoalha, no trem da Central”.*  
(Chico Buarque)

### **Da rua ao bordel: a malandragem no Rio e em São Paulo**

O último capítulo do romance **Madame Pommery**, publicado em 1920, começa com a seguinte frase: “As biografias de pessoas célebres terminam geralmente pela morte do personagem. Nisto, como em tantas outras cousas, a história de Mme. Pommery se desvia da rotina acostuada, porque não para em morte, mas em vida; e em vida nova, e mais gloriosa.” (TÁCITO, 1992, p.159). O fim do livro marca, na verdade, o início de uma nova vida para a personagem: o casamento. Algo semelhante acontece no final do romance **Memórias de um sargento de milícias**. Leonardinho, depois de aprontar poucas e boas pelas ruas do Rio de Janeiro, acaba reatando seu namoro com Luisinha e fazendo planos para o casamento. Porém, sua patente na guarda - que também já havia sido arranjada, não permite o enlace.

Só essa dificuldade demorava os dois. Entretanto o Leonardo achou um dia o salvatério, e veio comunicar a Luisinha o meio que tudo remediava: podia ficar ele sendo soldado e casar, dando baixa na tropa de linha, e passando-se no mesmo posto para as milícias. (ALMEIDA, 1996, p.110).

Depois desse pequeno imbróglio e de algumas dívidas cobradas, Leonardo consegue um novo posto na guarda e, finalmente, se casa com Luisinha. Pommery, que já gozava de considerável fortuna e fama, vende seu estabelecimento e decide ir atrás da única coisa que faltava para a sua ascensão social: o casamento para poder frequentar as altas rodas sociais paulistanas.

Ainda que distantes no tempo e no espaço, os dois romances apresentam um final semelhante. Os dois personagens principais também guardam outra semelhança: estão na fronteira de pertencimento entre estruturas sociais diferentes, buscando o seu próprio espaço na vida social diante de um desajuste e dos valores.

Juntamente com o humor satírico do período joanino, a esse processo de trânsito entre o que seria uma esfera da ordem e uma esfera da desordem, Antonio Candido (1970) denominou como sendo um processo dialético entre a ordem e a desordem. A

figura central que protagoniza justamente o trânsito entre as duas esferas é o malandro, que carrega no seu bojo características específicas:

Essa figura enfeixa uma dimensão folclórica (o espertalhão da lenda), uma dimensão de época (o estilo satírico da Regência), e um movimento em que está transposto um dinamismo histórico de alcance – como se verá – nacional (as idas e vindas entre os hemisférios da ordem e da desordem sociais). (SCHWARZ, 2006, p. 138).

A malandragem seria, portanto, uma espécie de mecanismo social que permitiria transitar entre essas duas esferas. Mais do que uma característica individual, Candido pontuou algo referente a um elemento estruturante da sociedade brasileira. A análise presente em “Dialética da malandragem” marcou não apenas a forma pela qual a crítica literária no Brasil se configuraria posteriormente, mas lançou luz ao tema da malandragem. É possível dizer que há certa linhagem da malandragem que passa pelas obras de Hilário Tácito, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Jorge Amado, João Antonio, Ariano Suassuna e Chico Buarque, mas cujo precursor é, inequivocamente, a obra de Manuel Antonio de Almeida.

**Memórias de um sargento de milícias** foi publicado pela primeira vez na forma de folhetins. Em 1854 foi organizado na forma romance e marcou a transição entre o romantismo e o realismo no Brasil. A narrativa se desenvolve, num primeiro momento, ao redor de Leonardo Parataca, o pai e, posteriormente, de Leonardinho, o filho. O pai que era imigrante português conheceu Maria das Hortaliças no navio vindo para o Brasil. Filho da pisadela e do beliscão, Leonardinho parece ter carregado consigo a fluidez das relações e a facilidade para se sair bem diante das situações controversas.

Leonardo sempre foi uma criança traquinas. Seja quando era coroinha na igreja, seja na rua brincando com os colegas ou ainda fugindo da polícia e se envolvendo com os ciganos. A vida do personagem se desenvolve sob o signo das aventuras e da trapaça no Rio de Janeiro oitocentista. O conflito central do romance parece girar em torno do embate entre Leonardo e o major Vidigal, o representante da ordem na cidade, cuja rixa acaba se tornando algo pessoal e se desenrola até o fim do romance (OTSUKA, 2007). O que não impede que ao cabo e ao fim de toda sorte de tramoias Leonardinho entre para as milícias. A linguagem do romance é fluida e com um teor jornalístico, algo bastante inovador para a época, marcando o lugar da obra, tanto pelo tema abordado como pela forma pela qual foi tratado.

Também filha de imigrantes, Ida Sanchez Pomerikowsky era filha de um polaco e de uma espanhola. Madame Pommery, como ficou conhecida depois, fuge do pai que queria vender o seu dote, se torna uma prostituta. Em certo momento de sua vida resolve pegar um navio rumo à América, não por acaso à bordo de uma embarcação chamada *Bonne Chance*. Em pouco tempo e com muito jogo de cintura, consegue ter o seu próprio prostíbulo, enriquece e cria laços sociais com figuras importantes na São Paulo dos anos 1920.

Os negócios se avolumaram e a vida social na cidade ganhou corpo. *Au Paradis Retrouvé*, casa dos prazeres de Pommery, se torna o ponto de encontro de banqueiros, altos funcionários da burocracia estatal, aristocratas, latifundiários e industriais. Com uma linguagem pretensamente erudita, o narrador conta aos poucos a história da protagonista, mesclando a história com digressões filosóficas que lembram o estilo ébrio dos narradores machadianos.

Apesar de tratarem de temas e contextos diversos, alguns pontos em comum podem ser estabelecidos entre **Memórias de um sargento de milícias** e **Madame Pommery**. O primeiro deles é a origem social. Vindos das camadas populares, tanto Leonardo quanto Pommery precisaram lidar com uma série de intempéries para conseguirem se estabelecer socialmente. Porém, apesar da espontaneidade, o caminho para se alcançar estabilidade financeira foi cheio de desventuras e nem sempre se utilizando dos meios mais lícitos para tal. Ela, por um lado, sempre almejou tal ascensão social e galgou passo a passo essa escalada. Leonardo, por sua vez, vivia ao sabor das horas e parecia não ter nenhum plano de vida ou pragmatismo. Ainda assim, sua informalidade quase natural fez com que ele conseguisse se safar dos problemas que conjecturalmente apareciam.

Leonardo era relativamente ingênuo e sentimental. Se envolveu com algumas mulheres ao longo do livro e acabou se casando com uma de suas antigas namoradas. Já Pommery nunca se envolvia sentimentalmente com ninguém. Suas relações eram única e exclusivamente voltadas para conseguir sua ascensão social. Além disso, ambos foram abandonados pela mãe e tinham uma relação conflituosa com o pai. Mas, ao contrário de Leonardo que acabou sendo criado pelos padrinhos, Pommery foi abandonada à própria sorte, se tornou prostituta e depois cafetina.

O que se esconde por trás de ambas as narrativas é um humor irônico e bastante crítico, revelando as hipocrisias e as relações sociais baseadas nas aparências. A ironia funciona aqui como um instrumento para lidar com um contexto social ambíguo, em

que a crítica social é feita através do riso e do deboche. Os contextos sociais do Rio de Janeiro no século XIX e de São Paulo no início do século XX são bastante diversos. No caso das **Memórias**, trata-se do período do reinado de Dom João VI, cujo cenário urbano era de uma sociedade composta por uma camada de homens brancos, pobres e livres. Antonio Candido destaca que Manuel Antonio de Almeida praticamente excluiu a classe trabalhadora (os escravos) e a classe dominante (os proprietários) dando relevância para essa classe intermediária da sociedade no Rio de Janeiro. Isso pressupõe um contexto de dinâmica de trabalho complexa, uma vez que esses homens brancos e livres não eram assalariados porque o trabalho era escravo, mas estavam parcialmente inseridos na sociedade de consumo.

A inserção social era, portanto, difícil e de rara possibilidade de ascensão. Os personagens são retratados no romance como sendo profissionais liberais ou vivendo de biscates e trabalhos temporários. Disso decorre que a fronteira entre o lícito e o ilícito se torna muito tênue em diversas ocasiões. Por isso a lógica do favor tem papel determinante nesse contexto, já que opera como sendo uma forma de obter benefícios ou pequenas regalias de algum grande proprietário.

São Paulo, por sua vez, passava por um processo de mudança social que iria transformar a Vila de Piratininga em uma das cidades mais importantes do país. Esse período de transição tem início nos anos 1920 com as indústrias, com a chegada dos imigrantes europeus e com a diversificação do comércio local e das atividades culturais noturnas. Apesar dessa pretensa modernização, o cosmopolitismo instável de São Paulo era uma espécie de provincianismo se escondendo atrás da cópia do modo de vida francês. Um dos elementos mais relevantes para compreender a tentativa de requinte almejada pela elite paulistana tem a ver com o papel do champanhe na vida social. Pommery, inclusive, era o nome de um espumante muito famoso no período, daí a brincadeira do autor com o nome da dona do bordel. A certa altura do romance, Pommery passa mal tomando cerveja Antártica. Essa dualidade entre a cerveja e o champanhe mostra a qual universo a sociedade paulistana deveria fazer parte para ser reconhecida enquanto *locus* de glamour.

Era-lhe impossível assistir indiferente à continuação de todos os erros e disparates que presenciava. Cumpra-lhe o dever apostólico de remodelar essa gentildade, anunciando-lhe a nova lei do amor corrupto, feito limpo, decoroso e sublimado pelo batismo da champanha (TÁCITO, 1992, p. 44).

A ironia aqui se apresenta através de uma linguagem empolada que casa com a tentativa de ser europeu, como se a linguagem popular e falada no dia a dia fosse algo a ser rebaixado e escondido. Além disso, o autor compara a atividade da cafetina como um ato “apostólico” de “batizar” as pessoas com o champanhe, numa forma de iniciar aquela nação na arte do mundo elitizado. “Os coronéis, em breves prazos, estariam ensinados e convictos que pagar mais barato é ignóbil, e não beber champanha uma torpeza. Então beberiam champanhadas e pagariam satisfeitos [...]” (TÁCITO, 1992, p.76).

### **Picardia e malandragem: o malandro e a malandra**

Falar sobre a malandragem na cultura brasileira significa retomar as suas origens históricas que, no limite, remetem aos romances pícaros espanhóis. Mário de Andrade já havia alertado sobre o caráter picaresco existente nas **Memórias**. Porém, Antonio Candido refuta essa ideia ao elencar algumas características que reforçam o fato de que, apesar de algumas semelhanças com os romances **Vida de Lazarillo de Tormes** (1554) e **Vida e hechos de Estebanildo González** (1645), dentre outros, o romance **Memórias de um sargento de milícias** não é picaresco. Para a presente análise, serão considerados também os pontos levantados por Candido para considerar a personagem principal do romance **Madame Pommery** não como uma pícara, mas como uma malandra.

A primeira característica das narrativas picarescas é a narrativa em primeira pessoa, o que não ocorre nas **Memórias**, já que é narrado em terceira pessoa. O caso de Madame Pommery é um pouco mais complicado, pois é narrado em primeira pessoa, mas não por ela mesma, a personagem principal, e sim por alguém que acompanhou de perto o desenrolar dos acontecimentos. A narrativa se configura como uma pseudobiografia (CARMO, 2003), mas não se assemelha às narrativas dos próprios pícaros. Além disso, nem na história de Pommery nem na de Leonardo são utilizados pelos narradores palavras de baixo calão e de teor chulo, algo bastante usual nos romances picarescos.

Apesar da origem humilde e do abandono na infância, próprios das narrativas picarescas e também presentes nos dois casos aqui analisados, o choque áspero com a realidade – o que desculparia toda sorte de trapaças – se aplica apenas para Pommery e ainda assim só num primeiro momento, já que logo depois ela consegue constituir

fortuna. Leonardo, que nunca buscou nada e como afirmou Mario de Andrade (1974, p.135), “não é um homem que se faz por si, os outros é que fazem por ele”, ficou sempre à mercê de outras pessoas. Ainda assim, termina com cinco fortunas nas mãos sem nunca sequer ter lutado por elas. No que tange ao final das narrativas espanholas com personagens que se acomodam com a vida medíocre, tal peculiaridade não se aplica a Leonardo e muito menos a Pommery:

Esta malandra imigrante não é como o pícaro clássico espanhol, pois não termina numa resignada mediocridade, mas ganha fama e fortuna e aprende com a realidade (a aprendizagem é apontada como uma semelhança com os pícaros clássicos e que não aparece no personagem Leonardo Filho das **Memórias**, de Manuel Antônio de Almeida). (CARMO, 2003 p.109).

Alfredo Bosi considera as **Memórias** como sendo um gênero picaresco e admite que os romances derivados desse estilo apresentam estruturas semelhantes: são romances de costumes, baseados na ação, no movimento do personagem central (o anti-herói) que não se encaixa em lugar nenhum e não possui nenhuma das qualidades comuns aos protagonistas. Porém, Antonio Candido considera a malandragem como um gênero mais amplo de aventuras, sendo comum a diversos tipos de folclore. O caráter astucioso, a esperteza, a sagacidade e o imprevisto revelam uma espécie de mecanismo que permite transitar ente as ordens sociais.

Ao falar da malandragem em contextos como os apresentados aqui, fala-se, na verdade, de personagens que não pertencem a nenhuma ordem social específica. Trata-se de uma ideia de sobrevivência social, uma adaptação diante de mudanças nas esferas sociais. A malandragem é uma alternativa possível diante de um cenário em que não se pode ser uma coisa ou outra. É preciso dominar determinadas normas e regras sociais e não acatá-las completamente, apenas o suficiente para que sirva como uma forma de sociabilidade.

O caso de Pommery é sintomático. Um de seus grandes diferenciais ter chegado em São Paulo num momento de urbanização e nos primórdios de uma ideia de lucro a qualquer preço. Ela não só aprendeu a lição como demonstrou que a ética do trabalho e da disciplina – atrelada à malandragem – fez com que ela galgasse todos os degraus que almejou. Pommery ultrapassou todas as normas pré-estabelecidas: era gorda, balzaquiana e independente. Vem da Europa imbuída do espírito capitalista e uma malandragem voltada não para a vadiagem, mas para o trabalho e para o lucro. Nada

que se assemelhe a Leonardo, justamente por se tratar de contextos sociais radicalmente diferentes entre si, mas cujo mecanismo de adaptação continua operante. Por isso Bosi afirma que cada contexto terá o seu modo específico de apresentar o pícaro.

Assim, é possível dizer que a malandragem é uma adaptação aos trópicos das narrativas picarescas espanholas, permitindo afirmar que Madame Pommery é a primeira malandra da literatura brasileira. Trata-se de algo interessante para uma mulher já que, apesar da linhagem da malandragem ser extensa, não figuram entre os personagens quase nenhuma mulher. Ao longo da história, à mulher ficou relegado simplesmente o papel de “mulher de malandro”. Pommery inverte a lógica da submissão e acaba trazendo para si o protagonismo de sua história. A subalternidade fica agora para os homens, que funcionam como títeres em suas mãos.

A não convencionalidade do tema e seu papel em um terreno dominado pelos homens faz de Pommery uma legítima malandra, transitando entre a ordem e a desordem e buscando, à sua maneira, sua forma específica de integrar a sociedade. Além disso, com seu tino para os negócios, acaba invertendo também a própria concepção lógica e esperada: “A disciplina, a correta cobrança de taxas frente ao mercado, o balancete que fecha a favor da protagonista, etc., toda a ordem está dentro do universo do prostíbulo [...] A ordem interna da instituição e a desordem externa do instinto, do impulso, da pulsão sexual masculina”. (CARMO, 2003, p.111).

Leonardo e Pommery, no limite, se adaptam. Conseguem entender ou burlar as regras sociais estabelecidas, cada qual a sua maneira e dentro do seu contexto social específico. Daí a ideia da malandragem ser, não só um jeitinho peculiar e individual para lidar com as coisas, mas um mecanismo que permite esse trânsito entre as diversas esferas sociais. Ainda assim, não se trata de uma estrutura estática e que permanece a mesma no decorrer do tempo. Pelo contrário: se adapta ao longo do tempo como uma estratégia social.



## Considerações finais

A linhagem da malandragem é algo presente na cultura brasileira. Chico Buarque retomou o malandro carioca com chapéu de palha, navalha e terno branco. Mostrou um malandro que “se emenda”. Não apenas ele, mas diversos outros tiveram um fim semelhante. Diferentemente dos pícaros que terminam a sua vida pior ou igual estavam no começo da trajetória, os malandros, especialmente os tratados nesse trabalho, depois de muito oscilar entre a ordem e a desordem, acabaram pendendo para o lado positivo da balança, usando as expressões de Antonio Candido. Tanto Leonardinho como Madame Pommery, cada qual à sua maneira e em diferentes conjunturas, acabam vindo no casamento a forma de escapar da vida errante.

Depois de uma série de acordos, Leonardo encontra cinco heranças, o casamento e a farda, se tornando um sargento de milícias, juntamente com major Vidigal, de quem tanto correu ao longo do livro. Para Pommery o casamento veio atrelado à ascensão social progressiva e sem sobressaltos. Diferente de Leonardo, ela planejou cada passo de sua trajetória, almejando o dinheiro, o círculo de amizades e, por fim, o casamento para ser sua entrada nas altas rodas da elite paulistanas e se tornar, por fim, uma senhora de bem. Mundos sem pecado e sem culpa marcam esse diálogo entre a ordem e a desordem. Em ambos os casos, a despeito das diferenças do percurso, há um final feliz. Leonardinho toma jeito, arruma um emprego e se casa com Luisinha. Pommery tem rendas consideráveis em imóveis e ações e termina buscando o casamento ideal, o que para o narrador dessa pseudobiografia, já são favas contadas. Apesar das discrepâncias históricas, o casamento e o dinheiro marcam definitivamente o desenrolar da história dos dois malandros.

A ordem e a desordem operam de forma diversa em ambos os romances. No caso das **Memórias de um sargento de milícias**, como já foi pontuado por Candido, a gangorra das esferas positivas e negativas se dá de forma singular diante das conjunturas e das escolhas de Leonardo. Dois exemplos metafóricos aparecem no romance e marcam essa relação. O primeiro caso ocorre quando major Vidigal, em uma de suas revistas noturnas, encontra no quarto da cigana o Reverendo mestre-decerimônias vestindo ceroulas, meias, sapato de fivela e com o solidéu na cabeça. Em outro momento da narrativa, o major Vidigal aparece vestindo sua casaca do uniforme, mas exibindo sem querer os seus tamancos. Em ambos os casos a ordem e a desordem aparecem como sendo a imagem de dois hemisférios diferentes, mas ainda assim, parte

de uma mesma coisa. O mestre-de-cerimônias e o chefe da polícia são homens da ordem, mas que, nos dois momentos, a esfera doméstica revela a ironia da situação.

No caso de **Madame Pommery** a presença da ordem e a desordem se dá de outra forma. Entre o luxo e a falta de requinte, entre a cerveja e o champanhe, entre a vida socialmente aceita e os bordéis, Pommery aparentemente seria uma personagem marginal e excluída dos círculos sociais por ser uma cafetina. Porém, ao longo de sua trajetória provou ser uma excelente administradora com tino e visão para os negócios. Ou seja, trouxe a ordem e o mundo racional do capitalismo financeiro para o seio da desordem e do meretrício. Outro elemento estrutural do romance dá o tom da ordem e da desordem: por um lado temos a caricatura viva de uma personagem que desafia todas as convenções: já era mais velha e se encontrava consideravelmente acima do peso, características não atraentes para uma prostituta. Essa caricatura é tratada como exótica e engraçada, mas que é narrada através de uma linguagem erudita e empolada. A estrutura narrativa do romance oferece, pois, essa relação entre a desordem (personagem caricata) e a ordem (narrativa erudita).

Desta forma, compreender a malandragem como um mecanismo de sociabilidade capaz de fazer transitar entre a ordem e a desordem, tanto personagens do século XIX quando do século XX ajuda a perceber que a dialética entre a ordem e a desordem não é apenas um jeito de ser individual e restrito, mas um traço cultural característico daqueles que são regidos pelo desajuste social. Diante da não convergência para nenhuma das ordens, o diálogo entre elas se coloca como forma de adaptação social.

Que Leonardo é o precursor da linhagem da malandragem isso já é sabido de longa data. É também notória a gama de malandros espalhados pela cultura brasileira portando as mais diversas peculiaridades. A escolha de Madame Pommery se dá justamente por ser a primeira malandra da literatura brasileira, fato esse que a coloca em um lugar singular dentro de um contexto de consideráveis transformações na sociedade brasileira.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Manuel Antonio. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Ática, 1996.

ANDRADE, Mário de. Memórias de um sargento de milícias. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1974.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem: caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 8, São Paulo, USP, 1970, pp. 67-89.

CARMO, José Carlos Mariano do. **Madame Pommery**: a primeira malandra na prosa ficcional brasileira. 2003. 123f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

DAMATTA, Roberto. **Carnaval, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GALVÃO, Walnice Nogueira. No tempo do rei. **Saco de gatos**. São Paulo: Duas Cidades, 1976, pp.27-33.

OTSUKA, Edu Teruki. Espírito rixoso: para uma reinterpretação das *Memórias de um sargento de milícias*. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 44, São Paulo, USP, fev.2007, pp. 105-124.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos salvo engano de *Dialética da malandragem*. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

TÁCITO, Hilário. **Madamme Pommery**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.